

A BIBLIOTECA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA CONCEPÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS E PROFESSORES DE BIBLIOTECONOMIA¹

Emanuelle Geórgia Amaral Ferreira
Mestre em Ciência da Informação pela UFMG
emanuelle.gaf@gmail.com

Carlos Alberto Ávila Araújo
Professor associado ECI-UFMG
casalavila@yahoo.com.br

Artigo recebido em: 19/07/16
Aceito em: 15/09/16

Resumo

O artigo tem como finalidade apresentar os resultados obtidos na categoria Biblioteca, da dissertação de mestrado intitulada "Contribuições para a epistemologia da Biblioteconomia contemporânea", defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de identificar e compreender, sob o aspecto epistemológico, a Biblioteconomia contemporânea. A pesquisa pretendeu contribuir com a compreensão e reflexão dos aspectos teóricos e das modificações ocorridas na prática biblioteconômica no período que compreende a década de 1990 a partir das discussões em torno dos impactos das tecnologias e do Moderno Profissional da Informação, até o presente momento. Para atingir os objetivos propostos, foram usados nesta pesquisa exploratória de base qualitativa, os seguintes instrumentos de coleta de dados: pesquisa bibliográfica, entrevista semiestruturada e a técnica de análise de conteúdo para o tratamento dos dados coletados nas entrevistas. Os resultados indicaram que, de maneira geral, os entrevistados concebem a biblioteca como uma instituição social que tem o papel social de democratizar o acesso ao conhecimento. No entanto, diante do contexto informacional, há uma percepção de que tanto a biblioteca como o bibliotecário, precisam se reinventar e criar novas perspectivas de atuação junto com a sociedade.

Palavras-chave: Biblioteca. Biblioteconomia. Nova Biblioteconomia.

1 INTRODUÇÃO

A Biblioteconomia brasileira possui uma trajetória marcada pelo desenvolvimento das bibliotecas. Ao longo dos séculos, a biblioteca passou por inúmeras transformações em relação à sociedade e dentro das práticas

biblioteconômicas. A biblioteca tem adaptado às mudanças exigidas pela sociedade, mas sem perder, de alguma forma, a sua essência. Há algo permanente que permite a identificação das bibliotecas (ORERA ORERA, 1996, p. 63). Ao adaptarem-se as mudanças políticas, sociais e econômicas, as bibliotecas já

¹ Este artigo apresenta parte dos resultados da dissertação intitulada "Contribuições para a epistemologia da Biblioteconomia contemporânea" defendida no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG.

denotam a importância de sua sobrevivência enquanto instituição (LEMONS, 2015, p. 285). Assim, Perrotti e Pieruccini (2007) apontam que as bibliotecas passaram por três “paradigmas”: 1) Conservação cultural (centrado na organização, no tratamento técnico dos acervos); 2) Difusão cultural (com ações voltadas para o acesso e o uso da informação); e, 3) Apropriação cultural (em que os usuários ganham uma relevância maior, e a biblioteca se converte em dispositivo de mediação cultural).

Sendo as bibliotecas instituições que se dedicam a preservar e prover acesso à informação, é natural que ela não se estagne e que acompanhe o contexto social. E assim, as bibliotecas atravessaram os séculos incorporando novas atribuições, novos serviços, lidando cada vez com mais suportes diversificados e, principalmente, acolhendo e dialogando com usuários. As tecnologias, efetivamente, impulsionam as mudanças de qualquer natureza. As inovações tecnológicas sempre foram decisivas nas transformações ocorridas nas bibliotecas e em sua condição social, desde os rolos e papiros da Biblioteca de Alexandria e congêneres do mundo antigo, à convivência dos mesmos com o formato de códex; da convivência de livros manuscritos, e incunábulo aos livros impressos aliados aos livros eletrônicos (ALMEIDA, 2014, p. 203).

O percurso histórico das bibliotecas nos possibilita afirmar estas instituições acompanham as mudanças de seu tempo. Lasso de La Vega (1952, p. 10) afirma que não é porque a função da biblioteca mudou fundamentalmente que ela perdeu o seu caráter original, tampouco tenha abandonado alguma função entre aquelas que no passado a deram origem. Pelo contrário, “as suas necessidades e capacidades são tantas que hoje a biblioteca é dividida por especialidades, cuja dedicação total a um de seus ramos ou atividades tornam-se ponto essencial para

o bom funcionamento e manutenção desta instituição” (LASSO DE LA VEGA, 1952, p. 10). Neste aspecto, “cada época formou suas coleções de registros gráficos para atender aos seus hábitos intelectuais. [...] Cada modificação de maior magnitude sofrida pelo ideal social produziu uma alteração na constituição da biblioteca” (BUTLER, 1971, p. 10).

A década de 1990 foi um período em que ocorreram grandes mudanças, sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento das novas tecnologias da informação, à sua rápida difusão e às suas repercussões econômicas, políticas e sociais. No mesmo período, com estas mudanças ocorridas no cenário político e social, e, sobretudo, com a reconfiguração do uso da informação com as tecnologias de informação e comunicação, surgiu a nomenclatura “Moderno Profissional da Informação”, para designar os profissionais que trabalham com a informação, incluindo aí o bibliotecário. Podemos afirmar que as características de cada período histórico ditam também as características das bibliotecas e de seus profissionais, bem como de suas práticas.

Diante do exposto, a pesquisa de mestrado intitulada “Contribuições para a epistemologia da Biblioteconomia contemporânea” foi realizada com o objetivo de identificar e compreender, sob o aspecto epistemológico, a Biblioteconomia contemporânea. Para tanto, foram elencados como objetivos específicos: obter elementos para analisar as transformações da Biblioteconomia; verificar a percepção dos professores e dos bibliotecários em relação à visão de biblioteca, bibliotecário e Biblioteconomia; e apontar os desafios contemporâneos da área. A pesquisa pretendeu contribuir com a compreensão e reflexão dos aspectos teóricos e das modificações ocorridas na prática biblioteconômica no período que compreende a década de 1990 a partir das discussões em torno dos impactos das

tecnologias e do Moderno Profissional da Informação, até o presente momento.

2 METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos pela pesquisa, foram usados nesta pesquisa exploratória de base qualitativa, os seguintes instrumentos de coleta de dados: pesquisa bibliográfica, entrevista semiestruturada e a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2009) para o tratamento dos dados coletados nas entrevistas. Foram realizadas duas análises dos dados: a partir da revisão de literatura, enfocando os conceitos de biblioteca, bibliotecário e Biblioteconomia; e a partir do conceito de nova Biblioteconomia² cunhado por R. David Lankes (2011). Optamos por entrevistar tanto bibliotecários quanto professores, partindo do princípio de que uma ciência é o que seus praticantes definem que ela é e a forma como atuam (ARAÚJO *et. al.*, 2007; GEERTZ, 2008, p. 15).

Com o objetivo de privilegiar a diversidade dos discursos, tivemos uma amostra intencional que "consiste em selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda população" (GIL, 2008, p. 94). Optamos por realizar as entrevistas em Belo Horizonte por ser a capital do Estado, local onde ocorre a formação da maioria dos bibliotecários mineiros e também onde se encontra o maior contingente profissional. A escolha por professores da Escola de Ciência da Informação se deu, sobretudo, por ser uma instituição que possui uma posição de destaque no cenário biblioteconômico brasileiro, com 65 anos dedicados ao ensino de Biblioteconomia.

Foram entrevistados nove bibliotecários atuantes em diferentes locais

de trabalho. As identidades dos entrevistados e de seus locais de atuação foram preservadas, de agora em diante serão tratados como Bibliotecário 1, Bibliotecário 2, Bibliotecário 3, conforme a ordem em que foram entrevistados. Foram entrevistados, também, cinco professores que lecionam no curso de Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, todos graduados em Biblioteconomia e envolvidos em diferentes temáticas da área. As identidades dos entrevistados também foram preservadas, de agora em diante serão tratados como Professor 1, Professor 2, Professor 3, conforme a ordem em que foram entrevistados.

Elencamos os dados obtidos nas entrevistas sistematizando-os nas seguintes categorias em consonância com a fundamentação teórica: Biblioteca; Bibliotecário e Biblioteconomia. No presente artigo, apresentam-se os resultados obtidos no tocante a categoria Biblioteca.

3 A CONCEPÇÃO DE BIBLIOTECA NA CONTEMPORANEIDADE

Esclarecemos que quando falamos das bibliotecas com os entrevistados, optamos por considerá-la de maneira generalizada, não consideramos as tipologias. Nossa intenção foi apreender a pluralidade de discursos sobre a biblioteca dos diferentes perfis profissionais, independentemente de sua tipologia.

Para compreender como os entrevistados percebem a biblioteca e a Biblioteconomia, perguntamos qual a relação que se estabelecem entre elas. A Biblioteconomia e as bibliotecas, conforme observamos ao longo das entrevistas possuem uma relação

² A nova Biblioteconomia, conceito desenvolvido por R. David Lankes (2011), é a Biblioteconomia reformulada com o foco nas bibliotecas, utilizando o conceito fundamental de que o conhecimento é

criado a partir da conversa; baseada não em livros e artefatos, mas no conhecimento construído pela comunidade.

intrínseca. Nos posicionamentos, os entrevistados deixam claro que a biblioteca é fundamental para a Biblioteconomia, sendo a partir da Biblioteconomia que as ações desenvolvidas nas bibliotecas se estabelecem.

“É pela Biblioteconomia que as ações das bibliotecas se estabelecem e é pelas bibliotecas que a Biblioteconomia também enxerga alguns campos de atuação.” (Professor 5)

Lasso de La Vega (1952, p. 3) aponta em seu "Manual de Biblioteconomia" que a Biblioteconomia dedica-se ao estudo da organização e administração de bibliotecas. Contudo, embora as bibliotecas tenham uma “relação direta” com a Biblioteconomia, elas não respondem pela complexidade da área. O ambiente das bibliotecas não responde a totalidade da Biblioteconomia, uma vez que, de acordo com os entrevistados, não há bibliotecas sem a Biblioteconomia, mas há Biblioteconomia sem bibliotecas. Neste aspecto, a Biblioteconomia é entendida como o sistema que organiza as informações.

“Então, a biblioteca é emblemática da Biblioteconomia, mas ela não explica a Biblioteconomia enquanto ambiente, e acho que ela vale antes de tudo como conceito de um sistema de organização de serviços de informações.” (Professor 1)

“Não se faz uma biblioteca sem a Biblioteconomia, mas se faz uma Biblioteconomia sem bibliotecas. Eu não acho que tenha que ter para que você consiga ter uma atuação de bibliotecário, não necessariamente você precisa estar numa biblioteca.” (Professor 2)

A Biblioteconomia fornece elementos para a prática bibliotecária. Podemos observar quando pensamos na importância da instituição biblioteca e em sua estruturação conforme o contexto

vivenciado, somos chamados a pensar também na institucionalização dos serviços oferecidos. Por séculos é de natureza das bibliotecas deixar tudo organizado, normalizado. Neste aspecto, o Professor 2 chama atenção para esta questão de institucionalizar os serviços da biblioteca para proporcionar maior visibilidade e qualidade exemplificando por meio do serviço de referência.

“Por que o serviço de referência nas bibliotecas, às vezes, é tão carente de reconhecimento, de atividades, de implantação? Ele não é institucionalizado na maioria das vezes. Ele é feito de uma forma improvisada, encontra poucas instituições que tem um planejamento com serviço de referência.” (Professor 2)

Corroborando com a afirmação do Professor 2, Alves e Vidotti realizaram um estudo em 2006 em que observaram como problema a identificação de como o Serviço de Referência e Informação Digital vem sendo utilizado em unidades de informação, em especial, nas bibliotecas digitais, no que tange as características, tipos e planejamentos dos serviços. Em contrapartida, um dos entrevistados ressaltou há muitos serviços considerados luxuosos e criticou que está faltando Biblioteconomia, no sentido de organização, nas bibliotecas.

“É uma relação direta só que a gente precisa mergulhar nessa Biblioteconomia para compreender as necessidades dessas bibliotecas. [...] A gente precisa de bibliotecas organizadas e não mascaradas com serviços luxuosos. Agora a gente tem muitos métodos pedagógicos e está faltando Biblioteconomia? [...] Como assim gente? Está faltando Biblioteconomia e isso não pode faltar.” (Professor 3)

“Não adianta uma biblioteca tentar fazer atividades extras para atrair público e tal

se não tem um acervo bacana.”
(Bibliotecário 9)

Durante a entrevista, o Professor 3 deixou explícito que entende por “serviços luxuosos” as atividades realizadas nas bibliotecas com um viés pedagógico, utilizados, principalmente, nas bibliotecas escolares. Com um ponto de vista semelhante, o Bibliotecário 9 aponta que é mais importante é ter um bom acervo do que atividades extras nas bibliotecas. A partir destes posicionamentos, pode-se inferir o quanto está enraizado na área, o entendimento de que manter as bibliotecas organizadas é a Biblioteconomia, denota-se a importância dada à organização e aos artefatos, o acervo.

As bibliotecas e sua vinculação com as demandas da sociedade por informação foi um tópico discutido com os entrevistados durante as entrevistas. Para os entrevistados abaixo, há uma responsabilidade social das bibliotecas, no sentido de atender as demandas por acesso e difusão das informações. Oliveira (2005, p. 22) pontua que dentre as funções da biblioteca, a mais importante é dar acesso. Assim sendo, adequar as bibliotecas à dinâmica da sociedade foi mencionada como um desafio para a área. De acordo com o discurso abaixo, é um desafio complexo em termos políticos e sociais. As bibliotecas precisam estar mais próximas de seu público, que em sua maioria, está nas redes, e ao mesmo tempo deve repensar a maneira como a biblioteca é vista.

“[...] pensar em novas propostas, em novos públicos, públicos que não frequentam a biblioteca acho que esse é um desafio muito grande [...], nosso desafio é um desafio complexo, porque ele sofre impacto das políticas públicas não é [...]” (Professor 3)

Um dos bibliotecários lembrou o serviço de informação utilitária como uma das formas de cumprir seu papel social,

que como ele bem ressaltou vai além, mas seria uma maneira de mostrar a importância e o potencial positivo das bibliotecas na vida das comunidades. Uma vez que a função social da biblioteca está em ser, principalmente, “o fio condutor entre os indivíduos e o conhecimento que eles necessitam” (OLIVEIRA, 2005, p. 23).

“Outra coisa também que eu acho muito importante que as bibliotecas poderiam ter, foi até um trabalho que a gente fez, é informação utilitária... É superinteressante! Eu acho que assim ela cumpriria o seu papel social, o cumprimento desse papel vai muito além. [...] mas eu acho que contribuiria muito para ajudar a realidade de comunidades, poderia ser um instrumento de desenvolvimento local e a partir disso ela iria atrair só mais visitantes para ela, para aproveitar o que ela tem a oferecer.” (Bibliotecário 4)

O conceito de informação utilitária, ou informação para a comunidade (*community information services*), sempre esteve ligado à ideia de atendimento à população de baixa renda, que não tem fácil acesso à informação ou que mesmo com uma gama de informações disponíveis, tem dificuldades de localizar e utilizá-las (CAMPELLO, 1998). Tais serviços auxiliam a resolverem situações problemáticas como: identificar oportunidades de emprego, conhecer seus direitos como cidadãos, utilizar o serviço público, dentre outras. “À menor dúvida, cada habitante da cidade poderia saber onde obter a resposta” (MILANESI, 2002, p. 10). Assim sendo, fala acima atenta-nos para a necessidade de percebermos a biblioteca com essa responsabilidade social mencionada anteriormente, e para a necessidade de reinventarmos esse espaço para atender a demanda das pessoas. Neste sentido, observamos o discurso da biblioteca como local do conhecimento organizado e do contato humano. Para

tanto deveria ter um acervo de qualidade e organizado.

“A biblioteca ainda se configura em local, por excelência, do conhecimento organizado e do contato humano. Na biblioteca o mediador está, ou deveria estar, preparado para auxiliar nas necessidades de seus usuários e ainda propor novos caminhos e conteúdos que ainda os são desconhecidos.” (Bibliotecário 7)

“Olha, eu sou mais tradicional. Eu acho que a gente tem que ter um bom acervo. Aqui como é uma biblioteca especializada na história de Belo Horizonte, então eu acho que tem que ter um acervo pertinente a sua especialidade e bem completa. Pra mim é isso. Acho que uma biblioteca vai cumprir mais sua missão se ela for mais completa com relação ao objetivo proposto.” (Bibliotecário 9)

Além de a biblioteca estar equipada com um acervo de qualidade e atualizada, durante as entrevistas, os bibliotecários atentaram para a necessidade de observar o usuário da biblioteca, seja por meio de estudos de usuários para adequação do acervo, seja no processo de mediação da informação. Assim, os entrevistados trouxeram à tona a percepção de que o bibliotecário precisa conhecer a cidade e o seu público para entender de que informações necessitam, precisa organizar para um cenário e um público. Milanesi (2002, p. 107) reforça esta ideia ao afirmar que mesmo com toda a revolução tecnológica e a globalização “que parecem ter resumido o mundo em uma aldeia”, as expectativas e necessidades informacionais permanecem em torno da vida cotidiana. Macedo (1986, p. 214) afirma que sendo a biblioteca uma instituição social, para atingir a sua finalidade, ela precisa “refletir a sociedade da qual faz parte, evoluindo de acordo com o seu progresso e as suas necessidades”. Neste aspecto, os entrevistados

demonstraram certa preocupação com a necessidade de repensar a estrutura atual das bibliotecas para adequá-las a sociedade contemporânea.

“A biblioteca é uma instituição essencial, o formato dela é que talvez a gente precise pensar. Será que hoje a gente consegue manter as bibliotecas como elas estão estruturadas, com essa mesma estrutura de décadas? Mas, a instituição, é fundamental.” (Professor 2)

Neste aspecto, com relação à atuação da biblioteca atualmente, os professores, sobretudo, demonstraram uma preocupação com a importância de reinventar este espaço para adequá-lo ao contexto atual. Ao reinventar o espaço das bibliotecas em conformidade com o presente momento, o Professor 3 menciona a necessidade de torná-lo mais interativo com o usuário, expandindo para novas mídias.

“No CBBB, não sei se você assistiu uma apresentação de uma pessoa que falava assim ‘Às vezes o sujeito quer um outro tipo de informação que nunca é endereçada nos livros, as vezes ele quer, por exemplo, uma informação sobre sementes, ele quer plantar, ele quer amostra de sementes.’” (Professor 3)

A mudança do comportamento do usuário e conseqüentemente da instituição biblioteca estão relacionadas com o novo cenário informacional bem como com as necessidades de informação no menor tempo possível. Assim, o Professor 5 complementa afirmando que é também um desafio mostrar o diferencial das bibliotecas atualmente.

“Um desafio que eu acho é ele fazer com que ele mostre se ele está numa biblioteca o que é que ela traz de diferente, e eu não acho que seja um desafio fácil não, o que ela daria de diferente, o que ele, profissional, traria de diferente para um usuário que pode encontrar informação com muito mais facilidade do que há

alguns anos atrás e que ele não precisa ir à biblioteca.” (Professor 5)

De acordo com as falas dos entrevistados, a biblioteca é um local para despertar o interesse a leitura, mas ela deve ir além da leitura. Deve ser também um espaço dinâmico, de compartilhamento e de convivência, de acesso à cultura.

“Na minha opinião, a biblioteca ela tem que ir além da leitura. Eu vejo a biblioteca muito como um centro de informação, mais cultural. A biblioteca, nos dias de hoje, sempre tem essa visão de biblioteca como um ambiente de cultura, não um ambiente de depósito de livro.” (Bibliotecário 2)

“Não é só um espaço de leitura, espera-se também que a biblioteca seja um espaço de discussão, espaço de compartilhamento do conhecimento e da aprendizagem, espaço para ouvir música também, a gente faz festival de música aqui dentro...” (Bibliotecário 3)

Edson Nery da Fonseca (2007) dedica um capítulo especialmente dedicado à relação entre o leitor, usuário, e a leitura, em sua “Introdução a Biblioteconomia”. Fonseca (2007) nos lembra de que o advento da democracia e o progresso da indústria gráfica contribuíram para uma valorização do usuário ou leitor, tornando-o o elemento mais importante da biblioteca. Assim sendo, podemos afirmar que é finalidade das bibliotecas proporcionar acesso a leitura. No tocante a biblioteca depósito, há um consenso entre os bibliotecários entrevistados de que a biblioteca não é e tampouco deve ser vista como um depósito de livros. Pelo discurso dos entrevistados, podemos afirmar que a biblioteca deve ser utilizada de maneira mais livre pelo seu público. No entanto, nem sempre é fácil transpor o discurso de que a biblioteca não é um depósito e que o público deve utilizá-la de maneira livre para a ação.

A partir do discurso do Bibliotecário 3, podemos observar uma nova concepção para as bibliotecas com a ideia de apropriação do espaço. Observando-se as regras do setor, seja para o estudo ou para o lazer, o entrevistado ressalta a importância de o usuário reconhecer a biblioteca como um local feito para ele.

“Eu acho que eles se apropriarem desse espaço para fazer algo que gostem também, eu não tenho muitas limitações nesse sentido. [...] O que me deixa mais feliz aqui, de verdade, é quando eu vejo as crianças e os adolescentes aqui dentro. Pode parecer uma ideia meio romântica minha da Biblioteconomia, mas os momentos mais alegres que eu tive aqui foi nos momentos em que eles estão fazendo uma leitura, ou que eu via os meninos aqui no clube do livro fazendo uma leitura e discutindo sobre as literaturas [...]. (Bibliotecário 3)

Complementando o discurso anterior, o Bibliotecário 4 e o Bibliotecário 6 apontam a necessidade de darmos maior ênfase as pessoas, tornando a biblioteca um ambiente mais dinâmico, porque nada adiantará as atividades técnicas desenvolvidas se não houver quem as utilize.

“Acho que é um lugar que serve para disponibilizar as informações, mas não de uma forma estática, não deixar tudo aquilo lá e esperar que as pessoas cheguem até você. Eu acho que a biblioteca tem essa função, mas ao mesmo tempo, tem a função de trazer o leitor para ele fazer parte disso.” (Bibliotecário 4)

“Eu sempre comparo a um organismo vivo. Ela tem essa função de guardar a herança cultural. Essa herança, esses objetos, esses suportes, esses livros, eles são fundamentais, se eles ficarem parados ali, não são nada, se eles forem lidos, eles são tudo. Eles são objetos, a gente que dá vida a eles. São linguagens diferentes.” (Bibliotecário 6)

Neste sentido, Oliveira (2005, p. 23) destaca que embora haja muitas pesquisas sobre usuários, a metodologia sempre privilegiava a avaliação dos serviços da biblioteca e não nos usuários propriamente. É necessário pensar que as atividades realizadas na biblioteca são para as pessoas. Neste sentido, ao apontarmos a necessidade de investir nos usuários, podemos observar no discurso do Bibliotecário 2 a seguir, a fusão do entendimento da função da biblioteca com a função do bibliotecário.

“A biblioteca deve investir no usuário, acho que essa é a principal função do bibliotecário, estar investindo no usuário. Estar ampliando os conhecimentos.” (Bibliotecário 2)

Ao longo da entrevista, o Bibliotecário 1 afirmou que o que faz uma biblioteca crescer é um posicionamento proativo do bibliotecário, que deve ter iniciativa e o empenho. Ele destacou sua experiência positiva no mercado de trabalho ao implantar projetos em uma biblioteca escolar para reafirmar que tudo depende do bibliotecário.

“Então, o que faz uma biblioteca crescer são os projetos que o bibliotecário tem que apresentar para a chefia, porque se ele ficar lá parado e o serviço andando, todo mundo vai pensar que está tudo bem, mas isso não é verdade. [...] Então, tudo depende do bibliotecário, de inovar e desenvolver, de criar, são projetos.” (Bibliotecário 1)

Concomitante ao discurso do Bibliotecário 1, Milanesi (2002, p. 93) alerta que, por exemplo, se o público deixa de frequentar a biblioteca é preciso dar novos motivos às pessoas para ampliar o conhecimento, promover novos caminhos para “alavancar a biblioteca”, como o próprio Bibliotecário mencionou.

No tocante ao contexto informacional vivenciado atualmente, onde as pessoas têm mais opções de acesso à informação, a

biblioteca continua a ser um local propício também para despertar o interesse pela pesquisa.

“E aí o intuito mesmo da biblioteca é que a gente tenta colocar o sal na boca deles para eles terem o interesse pela pesquisa, mostrar para eles que na internet tem muita coisa boa, mas precisam saber o que é importante, o que é realmente relevante e o que precisa ser descartado, da mesma forma o que pode ser encontrado na biblioteca.” (Bibliotecário 3)

No entanto, ressalta-se que as gerações contemporâneas têm novas e diferentes necessidades informacionais. Neste sentido, o Bibliotecário 1 atenta para o fato de que as bibliotecas devem estar preparadas para se adequar ao momento que estamos vivendo.

“Se nós não estamos preparados para essa era, devemos nos preparar urgentemente. Essa geração Y, W, Z vem com essa exigência, com as tecnologias do século XXI. Já querem chegar a biblioteca e encontrar um tablet, um livro eletrônico, encontrar um portal onde possa saber qual livro tem no acervo, chegar na brinquedoteca e ter vídeo game ligado a jogos educacionais... Se não estamos preparados, temos que nos preparar com urgência porque isso já é exigência por parte deles.” (Bibliotecário 1)

Brito e Valls (2015, p. 4) pontuam que os principais usuários das tecnologias de informação e comunicação são as gerações denominadas “y e z, ou ainda os ‘nativos digitais’, os quais se caracterizam pela recepção da informação de maneira ágil e rápida”. Assim sendo, as bibliotecas devem ser mais interativas e utilizar as tecnologias para aprimorar e acrescentar serviços informacionais. Muitas pessoas ainda não conhecem as potencialidades da biblioteca e as tecnologias podem contribuir para estimular o uso delas. De acordo com Vieira (2014), o uso das novas

tecnologias de informação e comunicação auxiliará na construção de bibliotecas mais atuantes, onde as informações serão disponibilizadas de maneira democrática para a comunidade (VIEIRA, 2014, p. 242).

“Eu acho que a palavra principal seria interação. Disponibilizar tecnologias que favorecem a interação do usuário com o que a biblioteca tem a oferecer. Lógico que isso demanda investimento, mas acho que tem que dar essa cara mais dinâmica para a biblioteca para que ela deixe de ser vista como um depósito de livros e uma instituição parada no tempo...” (Bibliotecário 4)

“[...] mostrar para a instituição que independentemente das tecnologias de informação existe alguma coisa naquele espaço, naquele profissional que pode ser positivo para uma instituição no sentido de que independentemente disso ela continua a possibilitar que esse mundo de informação tem o mínimo de organização, que esse acesso está sendo mais direcionado, mais bem definido, de acordo com perfis mais específicos de usuários, de grupos de usuários. Não é um desafio fácil porque a gente acha informação em qualquer lugar.” (Professor 5)

Nas falas dos entrevistados acima, destaca-se o discurso de que é importante dar uma dinamização nas bibliotecas por meio das tecnologias de informação e comunicação para que elas deixem de ser vistas como instituições depósitos e paradas no tempo. “O futuro da biblioteca depende de novas tecnologias que permitam que a migração da informação seja feita de forma cuidadosa e segura; [...] a tecnologia abre perspectivas de melhoria na qualidade dos serviços e produtos oferecidos pela biblioteca” (VIEIRA, 2014, p. 241-242). Complementar a isso, a necessidade de mostrar que independentemente dessas tecnologias, a biblioteca e o bibliotecário possibilitam o

acesso à informação organizada e de acordo com a demanda.

No que tange a trazer os usuários para a biblioteca, os bibliotecários mencionaram que por causa das tecnologias os usuários afastaram da biblioteca. Em consonância com o discurso destes entrevistados, Marchiori (1996, p. 28) afirma que “uma parcela de usuários está cada vez mais fora da biblioteca em função de existirem outros profissionais e instituições que são mais atrativos, velozes e precisos na recuperação da informação, ocupando espaços do bibliotecário”. Diante disso, levar os usuários de volta para as bibliotecas foi apontado como um desafio no momento.

“Os desafios são: a tecnologia é um deles, trazer os usuários até a biblioteca, eu mesmo esbarrei muito nessa dificuldade dos alunos não irem porque sempre são os mesmos... e os que não são os mesmos onde estão? Eu queria trazê-los para o ambiente da biblioteca. Um dos desafios do bibliotecário é esse. Promover a leitura e fazer leitores, e como fazer isso?” (Bibliotecário 1)

O desafio mencionado é grande e recorrente. O Bibliotecário 1, relatou uma experiência quando atuou em uma biblioteca escolar em que ele queria que os usuários deixassem os dispositivos móveis para ler livros. Ele criou um concurso que consistia num *ranking* anual de leitura e premiou quem lesse mais com bons prêmios como incentivo.

“[...] os alunos começaram a ficar estimulados e a demanda começou a aumentar demais. Aí eu comecei a pedir também um resumo de todo livro que eles pegavam e para entrassem na listagem para concorrer ao prêmio tinha que fazer essa síntese do livro. Aí diminuiu bastante também. Então, são vários os desafios dos bibliotecários. (Bibliotecário 1)

É importante que os frequentadores das bibliotecas, os usuários, tenham o hábito de leitura. Mas será que é necessário deixar de usar os dispositivos móveis para fazer leitura? O uso das tecnologias é a cada dia mais intenso e atualmente já existem aplicativos e dispositivos eletrônicos próprios para leitura. Motivá-los a realizar leitura, independentemente do artefato, é o ideal no contexto informacional em que vivemos. Por outro lado, é questionável se deveriam trazer os usuários de volta a biblioteca. O Bibliotecário 3, afirma que o caminho, talvez o ideal, fosse formar melhor os usuários para realizar pesquisas em meio digital.

"Eu não sei nem se a gente teria que estar tentando trazer eles de volta para fazer uma pesquisa na biblioteca, mas talvez formá-los melhor para fazer pesquisas na internet." (Bibliotecário 3)

Neste aspecto, embora seja apontada como um desafio, a promoção da competência informacional é importante e necessária para contribuir na formação desses usuários. "As bibliotecas de uma forma geral são espaços em potencial para capacitar as pessoas para o uso crítico da informação e proporcionar condições que permitam a reflexão, a crítica e a construção de ideias" (BRITO; VALLS, 2015, p. 19). Em consonância com o discurso do Bibliotecário 3, o Professor 5 afirma que somente a coleção já não é o suficiente para trazer o público para as bibliotecas, assim como "a organização do acervo não é mais a razão de ser da biblioteca, surgiram os serviços de informação moldados aos grupos específicos" (MILANESI, 2002, p. 77). Mirando-se no desafio apontado, a solução seria ensinar o usuário lidar com a informação, saber selecionar e identificar a procedência.

"Talvez ele tivesse que ir mais por esse lado porque ele tem que mostrar que na

biblioteca tem alguma coisa de diferente." (Professor 5)

"Não é mais o indivíduo que persegue a informação, mas as informações que soterram o indivíduo quando ele ousa acionar uma ferramenta de busca na internet." (MILANESI, 2002, p. 51). Assim sendo, Baptista (2009, p. 25-26) afirma que no Brasil podemos ver uma dicotomia artificial entre a informação e a leitura, onde há um acesso indiscriminado a notícias e informações diversas que não resulta em hábito de leitura. Assim sendo, formar usuários para pesquisar e para criar hábito de leitura neste novo contexto é a solução para evitar a apreensão mecânica de textos literários ou de notícias, que dificultam a capacidade de reflexão e de senso crítico. Por outro lado, os bibliotecários afirmam que mesmo com toda gama de informações disponíveis em meio digital e eletrônico, ainda há frequentadores fiéis de bibliotecas pela confiabilidade das informações fornecidas nesse ambiente e, sobretudo, pela do profissional bibliotecário transmitir credibilidade às informações.

"O que faz um usuário deixar o Google de lado e ir a biblioteca é a motivação que o bibliotecário passa para ele, a confiança. [...] Porque é muito fácil digitar uma palavra ali no buscador e ele recuperar. Eu não vejo o Google como uma busca confiável ainda. [...] infelizmente essa nova geração tem aquela preguiça de leitura." (Bibliotecário 1)

"A diferença do atendimento, principalmente se trabalhar com um bibliotecário de referência, a diferença está aí... [...] A confiabilidade que a biblioteca dá, o atendimento é diferencial. As bibliotecas digitais ajudam, mas não podem substituir a física." (Bibliotecário 8)

Além da confiabilidade, que tanto a biblioteca quanto o bibliotecário

apresentam ao público, há também a questão de que nem todas as pesquisas são encontradas facilmente pela internet conforme apontou o Bibliotecário 9.

“[...] a biblioteca sempre vai ter uma clientela cativa. Se as bibliotecas não fossem importantes, hoje a gente já veria um sucateamento menor, um fechamento de bibliotecas, não está acontecendo isso, né, as bibliotecas continuam, os livros continuam, o livro digital é uma coisa que não pegou muito... Eu acho que o suporte papel não acaba. A gente sempre vai ter uma clientela [...].” (Bibliotecário 9)

Na fala acima, ressalta-se a ênfase que o bibliotecário dá a importância das bibliotecas. Independentemente das tecnologias de informação, as bibliotecas tem a sua importância e o seu público. Há usuários que frequentam a biblioteca porque gostam do livro físico, do ambiente da biblioteca, conforme podemos ver na fala abaixo.

“Eu acredito e pelo que eu vejo também comentar comigo, mesmo com essa gama de informações, o usuário ainda gosta do papel, gosta do cheirinho do livro, do contato com o livro. A maioria comenta muito isso comigo... Que gosta mesmo de pegar, de sentir o material, de ver o visual, de estar folheando e manuseando. Então eu acho que a biblioteca, nesse contexto, ela sempre vai existir.” (Bibliotecário 2)

Concomitante ao discurso do Bibliotecário 2, Baptista (2009, p. 25) afirma que a leitura em si é um aspecto fundamental que justifica historicamente o apreço ao livro e a biblioteca. Contudo, há o relato de bibliotecários que perceberam uma perda de usuários nas bibliotecas em razão das tecnologias de informação.

“Então, isso é por causa das mudanças, principalmente por causa do advento da internet. Porque antes da internet, ou você ia à biblioteca ou você tinha uma

enciclopédia em casa, agora não. As bibliotecas continuam, mas você tem a internet também para poder ajudar.” (Bibliotecário 9)

“A facilidade de você ter a informação nas mãos e não precisar ir até a biblioteca, ir até o setor e perguntar para alguém, ter que procurar na estante... O fato de ser tudo mais rápido na internet, mais fácil é o que tem tirado muitos dos nossos alunos da biblioteca, eu acredito. Eu não sou contra a internet, de jeito nenhum, acho que realmente ela tem uma quantidade de informação grande e informação boa, assim como tem informações que a gente não pode confiar tanto, mas tem aquelas informações confiáveis. O problema é saber usar e muitos alunos não sabem.” (Bibliotecário 3)

“Eu acho que competição não é o certo, se tentar competir eu acho que perde feio. Pelo contrário, eu acho que tem que se apropriar de tudo isso e reproduzir na biblioteca o que a rede oferece.” (Bibliotecário 4)

Nos discursos acima, podemos observar duas vertentes a respeito do esvaziamento do espaço da biblioteca por causa das facilidades do acesso a informação pela internet: uma, que diz respeito ao problema dos usuários não saberem identificar as informações realmente confiáveis; e outra, que diz respeito à reprodução dos recursos informacionais disponíveis na rede para a biblioteca. Na fala abaixo, o Bibliotecário 6, contrariando os discursos anteriores, afirma que nunca teremos uma demanda por bibliotecas cheias, seja por razão da tecnologia ou por outros fatores.

“Eu venho para cá, horas e a biblioteca vazia. Eu sinto uma tristeza porque dá uma impotência... [...] É angustiante, a gente nunca vai ter essa demanda de bibliotecas lotadas, as pessoas têm seus afazeres, tem sua luta pela vivência, tem os problemas físicos, tem os problemas

mentais, tem as depressões...”
(Bibliotecário 6)

Neste sentido, Paula (2015, p. 69) afirma que a “[...] a falta de exploração do potencial de diversificação das suas ações [da biblioteca] talvez seja uma das causas da instabilidade frequentemente experimentada pelos profissionais da área”. Em contrapartida, Araújo e Oliveira (2005, p. 42) são mais definitivas ao afirmar que o lugar que a biblioteca ocupa é em decorrência da importância que a informação tem para a sociedade, porque ela é a instituição que contribui com o aprimoramento intelectual, humanístico, técnico e científico da sociedade.

Nota-se, também, a noção de biblioteca vislumbrada a partir do hibridismo pelos entrevistados. “A biblioteca, para exercer sua função, deixa de ser o acervo milenar passivo e passa a ser um serviço ativo de informação” (MILANESI, 2002, p. 77). Ou seja, a biblioteca não é considerada somente um depósito de livros, assim como também não é somente sem paredes potencializada pela internet e marcada pelo dinamismo. A biblioteca pode ser tudo isso ao mesmo tempo, são elementos inter-relacionados.

“[...] as bibliotecas no caso a que eu trabalho e as que eu conheço, é esse híbrido, de biblioteca depósito sim porque nós não vamos jogar esses livros fora porque essa materialidade existe e ela precisa de um espaço físico para a guarda, mas ela é também um ambiente sem paredes. Um ambiente que transpõe, aí não é a biblioteca ideal, por questões financeiras, administrativas, culturais, sociais, mas isso não impede de eu achar isso...” (Bibliotecário 5)

A tecnologia garante o acesso à informação e a troca dessas informações, seja por meio do texto, da imagem ou do vídeo. Entretanto, “a tecnologia será pouco útil no instante em que [...] houver troca de ideias e de emoções imediata, essenciais a compreensão da mensagem, tradução em

práticas e em criatividade” (MILANESI, 2002, p. 103). Ressalta-se, assim, a importância da coletividade e das discussões presenciais para a construção do conhecimento. Entretanto, o contexto informacional que vivenciamos atualmente nas bibliotecas ainda continuará sendo pauta de alguns questionamentos e discussões dos profissionais, seja no sentido de adequar os serviços, seja na preocupação de transmitir ao público uma noção de como buscar e identificar as informações corretas e confiáveis. O Bibliotecário 5 afirma em sua fala que tais questões são recorrentes porque não haverá uma substituição imediata de suportes informacionais, o eletrônico não substitui e não elimina o impresso.

“Esses suportes de informação que temos: eletrônico e analógico, o material livro, eles ainda não se eliminaram, não se excluíram, nos desejos dos usuários, dos leitores e pesquisadores. Coexistem.” (Bibliotecário 5)

Na fala acima, vale destacar que é exatamente essa coexistência mencionada que faz os usuários continuarem frequentando bibliotecas. E este o desafio para as bibliotecas: “se converter no espaço de convergência entre a informação, como elemento básico de todo conhecimento” (BAPTISTA, 2009, p. 26), desafio que permanecerá por mais algum tempo exatamente pela mencionada coexistência. Ou seja, o grande desafio neste contexto informacional é utilizar este instrumento tecnológico de informação a favor da comunidade local, contribuir para que a biblioteca continue sendo este espaço potencial para o aperfeiçoamento e a construção do conhecimento individual e coletivo.

4 A CONCEPÇÃO DE BIBLIOTECA CONTEMPORÂNEA A LUZ DA NOVA BIBLIOTECONOMIA

Na concepção dos entrevistados, a biblioteca é o local do conhecimento organizado e do contato humano, favorecendo assim, a criação do conhecimento pela comunidade por meio da conversação. Lankes (2011, p. 80-81) nos conta que todo bibliotecário que conheceu tinha uma história, grande ou pequena, sobre pessoas. E em todas as histórias, tinha sempre uma **conversa** (diálogo), sempre com o contato humano mencionado pelos entrevistados. O autor destaca que mesmo que tenha sido por um momento ou de uma forma pequena, aquela conversa, aquela solução informacional tornou o mundo (de cada membro) um lugar melhor. “Facilitação verdadeira e bem sucedida é quando um bibliotecário ajuda a um membro encontrar a sua própria história” (LANKES, 2011, p. 81).

As bibliotecas têm um papel fundamental, historicamente, nesta infraestrutura do conhecimento (LANKES, 2012). Os entrevistados apontaram ainda que a biblioteca enquanto ambiente de aprendizagem é um local propício para despertar o interesse pela leitura, um local cada vez mais dinâmico, de acesso à cultura, de compartilhamento e de convivência. A concepção de apropriação do espaço da biblioteca requer destaque. “[...] espera-se que a biblioteca seja um espaço de discussão, espaço de compartilhamento de conhecimentos e da aprendizagem” (Bibliotecário 3). No entanto, Lankes (2011) afirma que quem faz, deve ou não nas bibliotecas, são os bibliotecários. Para o autor, os bibliotecários são os responsáveis pelos resultados e impactos das bibliotecas nas comunidades assim como o discurso do Bibliotecário 1 que afirma que “[...] tudo depende do bibliotecário, de inovar e desenvolver, de criar, são projetos”. Diante do exposto, os entrevistados enfatizaram que o que faz uma biblioteca crescer é o posicionamento proativo do bibliotecário, que deve ter iniciativa e empenho.

De acordo com o posicionamento dos entrevistados, a biblioteca se configura como o local do acesso à informação, no entanto, ela também é o local para, a partir desse acesso, construir conhecimento. Se pararmos um pouco para prestar atenção em nossas bibliotecas, o serviço técnico é de onde livros vêm e o serviço de referência é de onde os livros saem por meio do empréstimo (LANKES, 2012). Esta configuração se mantém a mesma em todo lugar. Mas essa configuração funciona em sua comunidade? Será que este modelo vislumbra uma maior participação da comunidade? Talvez, seja hora dos bibliotecários ressignificar sua concepção de biblioteca no contexto informacional atual.

Diferentemente do conceito que observamos na nova Biblioteconomia e até mesmo do posicionamento da maioria dos entrevistados, o Bibliotecário 6 afirma que “[...] uma biblioteca por uma biblioteca é uma sala com livros, mas o que é feito nela é que a faz biblioteca [...]”. Isto para explicar que apenas quando utilizam algum material bibliográfico da biblioteca é que se pode caracterizar seu uso, apenas utilizar a biblioteca para estudo ou espaço de convivência ou construção de conhecimento por meio da conversa, não caracteriza a biblioteca, segundo tal posicionamento. O posicionamento do Bibliotecário 6 é radical principalmente pela maneira como ele concebe a biblioteca. No entanto, uma biblioteca é o que fazemos dela, realmente, mas de maneira mais ampla, indo de encontro à concepção de apropriação do espaço, mencionada anteriormente, que beneficia o uso do conceito de Teoria da Conversação abordada por Lankes (2011).

A nova visão da biblioteca não é um local ou uma coleção de livros, mas uma plataforma para que a comunidade crie e compartilhe conhecimento (LANKES, 2012, p. 76). Além do acervo equipado com qualidade e atualizado, os entrevistados atentaram para a necessidade

de observar o usuário, seja realizando estudos de usuário para adequar tal acervo, seja ao mediar à informação. Notoriamente, podemos observar a ênfase que os profissionais entrevistados dão ao acervo. Mesmo quando o usuário é considerado o foco, ao opinarem a importância de realizar estudos de usuários é no sentido de adequar o acervo, conforme podemos ver pela concepção do Bibliotecário 1 “[...] tem que fazer constantemente o estudo de usuários, tem que saber o que os alunos gostam de ler”.

Contudo, os entrevistados pontuaram que a coleção disponibilizada já não é o suficiente para trazer o público para as bibliotecas. Neste sentido, o autor afirma que por muito tempo se sustentou a concepção de que uma sala cheia de livros ou uma sala vazia com um bibliotecário é uma biblioteca. O bibliotecário ao construir uma coleção com artefatos ao longo do tempo pode provavelmente ajudar sua missão de facilitar a construção do conhecimento. Ou a referida sala vazia, mas com um computador com conexão a Internet também tem boas chances. Esta sala, ao longo do tempo, pode encher-se com revistas, computadores, salas de estudo ou para reuniões. No entanto, tais coisas são partes do trabalho do bibliotecário, não são o trabalho ou a missão em si (LANKES, 2011, p. 15).

Durante as entrevistas o aspecto da responsabilidade social das bibliotecas foi evocado no sentido de atender as demandas da sociedade. “[...] o discurso da Biblioteconomia pode estar argumentando a favor da ampla difusão da informação [...]” (Professor 4). Ao difundir a informação, fomentamos a criação do conhecimento. Neste sentido, a informação utilitária foi mencionada como um serviço que contribui para que a biblioteca cumpra seu papel social na comunidade. Tal afirmativa vai de encontro com a nova Biblioteconomia, pois uma comunidade deve ser um lugar melhor por ter uma biblioteca. Lankes

(2012, p. 95) afirma ainda que os bibliotecários e a biblioteca devem adicionar novos valores à comunidade, valores que contribuam com uma melhoria, que sejam capazes de guiar a comunidade numa linha contínua de desenvolvimento. Assim sendo, podemos afirmar que o serviço de informação utilitária assinalado durante a entrevista, se configura como uma semente rumo ao desenvolvimento da comunidade.

A perspectiva da nova Biblioteconomia de Lankes (2011) redefine nossa concepção e perspectivas do que devem fazer as bibliotecas, esta foi, inclusive, um dos aspectos abordados durante as entrevistas. Nos discursos dos entrevistados, vimos à preocupação com o fato de inovarmos a atuação das bibliotecas para que elas acompanhem o contexto atual. O Bibliotecário 5 assinalou que o público espera de uma biblioteca é sempre o acesso, seja físico ou virtual, mas nós, enquanto bibliotecários, devemos esperar mais. E a biblioteca pode ser muito mais, se a biblioteca potencializar o acesso e o uso das bibliotecas para contribuir com a criação do conhecimento (LANKES, 2011, p. 67).

Neste aspecto, os entrevistados afirmaram que as tecnologias podem potencializar o uso das bibliotecas, principalmente para aqueles que não conhecem a biblioteca. Para os membros da biblioteca, os entrevistados apontaram que ela se configura como o local ideal para ensinar aos usuários como avaliar as informações contidas na internet. No entanto, o Professor 5 afirmou que isto se configura como um desafio, embora reconheça que “[...] independentemente das tecnologias de informação existe alguma coisa naquele espaço, naquele profissional que pode ser positivo” e o espaço das bibliotecas devem continuar existindo para que a comunidade trabalhe e crie, este espaço precisa existir e sempre crescer (LANKES, 2011).

Diante do exposto, “[...] as bibliotecas continuam, mas você tem a internet também para poder ajudar” (Bibliotecário 9). Por isso, os bibliotecários precisam saber trabalhar com as tecnologias, especificamente: engajar e se envolver com a tecnologia; acompanhar as tecnologias através das gerações; criar e manter uma efetiva presença digital; usar a tecnologia para a construção coletiva de conhecimento. (LANKES, 2012, p. 93-94). Afinal, agora os bibliotecários não precisam atuar, necessariamente, no edifício ‘biblioteca’. Hoje há novas possibilidades e outros locais para trabalhar facilitando a criação de conhecimento. As ferramentas de trabalho estão disponíveis em *smartphones* e *tablets*, ao alcance das mãos de nossos usuários, ou conforme Lankes (2011, 2012) costuma dizer, dos membros. Os bibliotecários podem trabalhar remotamente via mídias sociais, construindo também com outros especialistas, novas ferramentas baseadas na web (LANKES, 2012).

Assim como o Bibliotecário 9 pontua o auxílio que podemos ter por meio da internet, outros bibliotecários, durante a entrevista, mencionaram a importância de encarar os buscadores digitais e as redes sociais como aliadas. O Bibliotecário 4 afirma que “[...] a competição não é o certo, se tentar competir eu acho que perde feio. Pelo contrário, eu acho que tem que se apropriar de tudo isso e reproduzir na biblioteca o que a rede oferece”. “Eu uso o *Google* e *Amazon*. Eu uso o *Facebook* e *Twitter*. Há grande valor nessas ferramentas para bibliotecários e para a comunidade. No entanto, todos estes serviços podem ser feitos melhor através de parcerias com bibliotecas” (LANKES, 2012, p. 97).

Ainda com relação à perspectiva das bibliotecas no contexto atual, os entrevistados afirmaram que é necessário repensar a estrutura das bibliotecas para adequá-las a sociedade contemporânea.

Esta questão foi apontada como um desafio e realmente é se o bibliotecário não tiver uma postura comprometida com a missão defendida por Lankes (2011) de facilitar a criação de conhecimento pela comunidade, sobretudo, no contexto em que o fluxo informacional é grande, contínuo e cada dia mais ao alcance das mãos. O Professor 3 pontua que o bibliotecário deve encarar este desafio e “[...] construir uma biblioteca mais interessante, mais flexível, compreender qual informação o usuário está precisando”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biblioteca é concebida pelos entrevistados como uma instituição que tem como papel social democratizar o acesso ao conhecimento, como um ambiente que vai além da atividade de leitura. A biblioteca é também um espaço propício para despertar o interesse pela leitura; para disponibilizar a informação; local por excelência do conhecimento organizado e do contato humano, portanto, um espaço de convivência. Embora não seja uma perspectiva nova, como se pode remontar à Biblioteca de Alexandria que possuía a estrutura que beneficiava essa convivência (LANKES, 2012, p. 85), é no presente momento que vemos esse posicionamento com maior ênfase.

Podemos observar uma preocupação com a adequação deste espaço em consonância com o contexto informacional vivenciado pela sociedade, de modo que, a disponibilização e o acesso à informação devem ser dinâmicos e interativos. De acordo com os entrevistados, o que faz as pessoas continuarem frequentando as bibliotecas, mesmo como um arsenal de informações disponibilizadas na web, é a credibilidade que tanto a instituição biblioteca quanto o bibliotecário dá a respeito da confiabilidade das informações disponibilizadas.

A concepção de que os bibliotecários são os responsáveis pelos resultados e impactos das bibliotecas nas comunidades requer destaque. Uma biblioteca é o espelho do seu bibliotecário, já dizia Wanda Ferraz, em 1949, à biblioteca é o reflexo da capacidade e da personalidade do bibliotecário. “A **missão** dos

bibliotecários é melhorar a sociedade por meio de facilitação da criação de conhecimento em suas comunidades” (LANKES, 2011, p. 13, tradução nossa), assim, adequar a biblioteca ao contexto da sociedade, de modo que ela contribua positivamente com o seu público é a missão do bibliotecário.

THE LIBRARY CONTEMPORARY IN THE CONCEPTION FROM THE LIBRARIANS AND LIBRARIANSHIP TEACHERS

Abstract

The article aims to present the results in the category Library, the Master's thesis entitled "Contributions to the epistemology of contemporary Librarianship", defended the program Graduate in Information Science from the Federal University of Minas Gerais. This research was conducted in order to identify and understand, under the epistemological aspect, contemporary librarianship. The research intended to contribute to the understanding and reflection of the theoretical aspects and the changes occurred in library science practice in the period that includes the 1990s from discussions on the impacts of technologies and Modern Information Professional, until now. To achieve the proposed goals, were used in this exploratory qualitative basis, the following data collection instruments: bibliographical research, semi-structured interviews and content analysis technique for the processing of data collected in the interviews. The results indicated that, in general, respondents conceive of the library as a social institution that has the social role of democratizing access to knowledge. However, before the informational context, there is a perception that both the library and the librarian, have to reinvent and create new perspectives of work with society.

Keywords: Library. Librarianship. New Librarianship.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marco Antônio de. Mediação e mediadores nos fluxos tecnoculturais contemporâneos. **Informação e Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 191-214, maio/ago. 2014.
- ALVES, Ana Paula Meneses; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti. O serviço de referência e informação digital. **Biblionline**, Paraíba, v. 2, n. 2, 2006.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila *et. al.* A ciência da informação na visão dos professores e pesquisadores brasileiros. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 2, p. 95-108, maio/ago. 2007.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da biblioteconomia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 9, n.1, p. 41-58, jan./dez. 2013.

- ARAÚJO, Eliany Alvarenga; OLIVEIRA, Marlene de. A produção de conhecimentos e a origem das bibliotecas. In: OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. p. 29-43.
- BAPTISTA, Dulce Maria. Entre a informação e o sonho: o espaço da biblioteca contemporânea. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 19, n. 1, p. 19-27, jan./abr. 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70; LDA, 2009.
- BRITO, Regina Garcia; VALLS, Valéria Martin. Novas formas de aprendizagem e a mediação da informação: competências necessárias aos bibliotecários. **REBECIN**, v. 2, n. 1, p. 3-28, jan./jun. 2015.
- BUTLER, Pierce. **Introdução à ciência da biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Lidador, 1971.
- CAMPELLO, Bernadete Santos. Fontes de informação utilitária em bibliotecas públicas. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 22, n. 1, 1998.
- FONSECA, Edson Nery. **Introdução à biblioteconomia**. 2.ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2007.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LANKES, R. David. **The Atlas of new Librarianship**. Cambridge: The MIT Press, 2011.
- LANKES, R. David. **Expect More: Demanding Better Libraries For Today's Complex World**. 2012. Disponível em: <http://davidlankes.org/?page_id=4598>. Acesso em: 30 abr. 2016.
- LASSO DE LA VEGA, Javier. **Manual de Biblioteconomia**: organização técnica y científica de las bibliotecas. Madrid: Editorial Mayfe S. L., 1952.
- LE MOS, Antonio Agenor Briquet de. **De bibliotecas e biblioteconomias**: percursos. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2015.
- MACEDO, Iara Ferreira de. A ideologia na Biblioteconomia: uma reflexão. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 15, n. 2, p. 210-221, set. 1986.
- MARCHIORI, Patrícia Zeni. Que profissional queremos formar para o século XXI - Graduação. **Informação e Informação**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 27-34, jan./jun. 1996.
- MILANESI, Luís Augusto. **A biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- OLIVEIRA, Marlene de. Origens e evolução da Ciência da Informação. In: OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. p. 9-28.
- ORERA ORERA, Luisa (Ed.). **Manual de biblioteconomia**. Madri: Editorial Síntesis, 1996. (Coleção Biblioteconomía y Documentación).
- PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M.; FUJINO, A.; NORONHA, D. (Org.). **Informação e contemporaneidade**:

perspectivas. Recife: Néctar, 2007. p. 47-96.

PAULA, Cláudio Paixão Anastácio de. O bibliotecário como um *information doctor*. **Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e perspectivas**, Belo Horizonte, v. 2, número especial, p. 65-79, fev. 2015.

VIEIRA, Ronaldo da Mota. **Introdução à teoria geral da biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.